

Criação musical e prática coral: dimensões da formação em música

Comunicação

Klesia Garcia Andrade
UFPB / UFPE
klesiagarcia@hotmail.com

Resumo: Nesta comunicação são apresentados dados de uma pesquisa de doutorado em andamento. O estudo tem como objetivo central compreender que dimensões da formação em música podem ser trabalhadas a partir de uma ação pedagógica que estimule a criatividade e envolva experiências de criação musical no contexto do canto coral. A metodologia caracteriza-se de abordagem qualitativa e dos aportes teórico-práticos da pesquisa-ação. A base teórica, em construção, vem articulando discussões da psicologia da criatividade e da educação musical. Conceitos de criatividade, criação musical e as maneiras de implementá-los em ensaios corais vem sendo delineados considerando discussões da contemporaneidade que articulam perspectivas amplas de ensino e aprendizagem da música. A pesquisa tem como campo empírico o coro infanto-juvenil do Colégio de Aplicação (CAp) da UFPE.

Palavras chave: criatividade, criação, canto coral

O contexto da pesquisa

A pesquisa em desenvolvimento tem como objetivo central compreender que dimensões da formação em música podem ser trabalhadas a partir de uma ação pedagógica que estimule a criatividade e envolva experiências de criação musical no contexto da prática de canto coral. Por meio da abordagem qualitativa (BOGDAN, BIKLEN, 2003; BRESLER, 2007) e dos aportes teórico-práticos da pesquisa-ação (BARBIER, 2007; THIOLENT, 2011; TRIPP, 2005; KEMMIS, WILKINSON, 2008; ALBINO, LIMA, 2009), o estudo é proposto no contexto do coro infanto-juvenil. Os objetivos específicos são: discutir as características da prática de canto coral como modalidade de ensino e aprendizagem de música; discutir abordagens contemporâneas sobre criatividade e criação musical; discutir as contribuições da psicologia e da sociologia da música para o campo da educação musical; analisar a experiência musical dos estudantes participantes da prática coral; desenvolver com continuidade uma prática coral planejada e reflexiva; planejar situações educativo-musicais que estimulem a participação ativa dos educandos; propor um repertório aberto que possibilite a criação musical; promover a ampliação da experiência criativa-musical; planejar processos e instrumentos para a realização de avaliações coletivas (estudantes,

professora e demais educadores) sobre o trabalho desenvolvido; e, indicar ações pedagógicas para estimulação da criatividade e da criação musical no contexto da prática de canto coral.

O interesse pelo tema “criação e canto coral” surgiu após a conclusão de minha pesquisa desenvolvida no mestrado (ANDRADE, 2015). Neste estudo, voltei-me para compreensões acerca de concepções, metodologias e conteúdos de ensino e aprendizagem que caracterizavam a formação musical em um determinado projeto músico-educativo. Os resultados da pesquisa revelaram a importância da proposta no seu contexto de atuação e as possibilidades de experiência musical relacionadas à prática de canto coletivo. Todavia, ficou evidente o quanto a prática coral centrava-se na atividade de execução musical sob a decisão e direção do regente. Refletindo sobre este aspecto e ponderando sobre abordagens teórico-práticas de ensino de música na contemporaneidade, a seguinte questão emergiu: que dimensões da formação em música podem ser trabalhadas a partir de uma ação pedagógica que estimule a criatividade e envolva experiências de criação musical no contexto da prática de canto coral?

Na atualidade, a prática coral configura-se como espaço de musicalização de diferentes grupos geracionais, em diversas situações e contextos socioculturais (ONGs, igrejas, escolas, empresas). É uma prática acessível e essencialmente coletiva. Com vistas a ampliar as discussões acerca desta modalidade de ensino de música, proponho ações que estimulem a criatividade e a criação no contexto coral, em que a execução musical é predominante, além de centrada na figura do regente.

Na construção deste estudo, os pressupostos teóricos vem articulando discussões da psicologia da criatividade e da educação musical, considerando o entendimento de que criar e realizar práticas criativas não são ações destinadas a um grupo seleto de pessoas (ALENCAR, 1986, 2009; LUBART, 2007; BEAUDOT, 1975; NOVAES, 1980). A desconstrução do mito do talento e da genialidade encontra-se com propostas educativas em que a criação musical fundamenta a construção de conhecimentos musicais, afastando-se, inclusive, das ideias do senso comum do compositor solitário e de indivíduos talentosos que, por inspiração divina, criam obras extraordinárias (PENNA, 2012, 2003, 2001; BONA, 2011; BURNARD, 2012; FRANÇA, SWANWICK, 2002; FONTEERRADA, 2008; SANTOS, 2010).

A investigação tem como campo empírico o coro infanto-juvenil do Colégio de Aplicação (CAp) da UFPE, no qual atuo como regente. Para a realização da pesquisa de campo encaminhei

cópia do projeto de pesquisa para a direção escolar e, após o parecer favorável, foram colhidas assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os ensaios acontecem semanalmente e participam voluntariamente¹ alunos matriculados dos sextos, sétimos e oitavos anos.

A pesquisa-ação organiza-se em duas etapas. A primeira iniciou-se em agosto de 2016 e estendeu-se até o mês de abril de 2017. Nesta etapa, de consolidação da prática coral, foram trabalhados aspectos de exploração vocal e corporal, tendo como base um repertório diversificado e essencialmente a duas vozes. Os alunos foram convidados a participar ativamente, tendo liberdade para expressar opiniões acerca da produção sonora. A partir de maio de 2017, iniciou-se a segunda etapa, de intervenção criativa que será concluída em dezembro de 2017. Através de jogos e de experimentação sonora, os ensaios vem sendo planejados de forma flexível, enfatizando as contribuições dos alunos e redirecionando a prática conforme a dinâmica do ensaio, estimulando uma participação ativa dos coralistas no processo de criação. A seguir apresento de forma sucinta aspectos da discussão teórica que vem sendo construída paralelamente à pesquisa-ação.

Educação musical e canto coral

O campo da educação musical tem-se mostrado cada vez mais plural, contemplando uma ampla diversidade de contextos e dimensões da formação em música. Nesse cenário, o canto coral emerge, apresentando singularidades estabelecidas pelos múltiplos universos culturais em que acontece, sendo permeado por características pedagógicas, significados e valores que definem sua identidade e inserção em diversos espaços da sociedade.

Os registros históricos demonstram que o canto é praticado sistematicamente na sociedade brasileira desde o período colonial. A chegada dos europeus trouxe o canto coletivo ligado aos serviços eclesiais como elemento cultural a ser propagado e executado por uma minoria. No século XIX, o Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, aprova o “Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Côrte” (BRASIL, 1854) e aponta para o ensino de música como possível componente dentro das instituições públicas,

¹ Não há seleção para participação nas atividades corais. Todos os alunos interessados são bem-vindos, desde que os pais autorizem.

considerando o canto como uma das habilidades a ser desenvolvida (QUEIROZ, 2012, p. 26). Entre a instrução moral e religiosa, leitura e escrita, aritmética, geometria e desenho, o ensino primário poderia abranger “noções de música e exercícios de canto” (BRASIL, 1854, p. 55). Posteriormente, no início do século XX, as iniciativas fundamentadas no nacionalismo e na construção do civismo colocam a prática de canto coletivo (orfeônico) no centro de ações educativas que são protagonizadas de maneira efervescente em alguns Estados brasileiros, tais como, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraíba².

No decorrer da história, o canto coletivo amplia-se, tornando-se acessível a diferentes sujeitos. Figueiredo (1989, p. 72) explica que a prática do canto coral, durante muito tempo era exclusiva de músicos profissionais preparados especialmente para tais finalidades e, salienta que progressivamente a atividade se estendeu para a sociedade de maneira geral, “como um meio de formação, socialização e prática de valores humanos”. Essa progressiva democratização evidencia modificações na dinâmica de sua prática, sinalizando situações de aprendizagem musical.

Fonterrada (2008, p. 200) salienta que razões econômicas e pedagógicas colaboraram para que o canto coral fosse estabelecido como atividade importante na educação musical do século XX. Ao promover o contato com as características estruturais e também com as não propriamente sonoras (emoções, interações etc), o canto coral leva os participantes à compreensão musical por meio de uma prática coletiva. O trabalho de técnica vocal, conduzido de maneira contextualizada e conectada às particularidades do repertório, tende a subsidiar experiências singulares que agregam sensações físicas, conceituação estrutural e expressividade artística.

O que vemos na atualidade é a configuração do canto coral como uma modalidade de experiência musical acessível em diferentes espaços sociais no cumprimento de variadas funções. A democratização no acesso e a perspectiva de modalidade de ensino e aprendizagem de música revelam modificações na sua dinâmica, pois surge a necessidade de estabelecer diálogos com os objetivos e as definições da área de educação musical, como por exemplo, as

² Para mais informações sobre o canto coletivo (orfeônico), ver Andrade (1939), Fucks (1991), Silva (2013) e Penna (2013).

teorias de desenvolvimento, ensino e aprendizagem da música, questões relativas ao contexto sociocultural e ao papel do regente/educador e do coralista/aluno.

Nessa perspectiva, o regente assume o desenvolvimento musical dos coralistas, cujas responsabilidades vão muito além da preparação do repertório. Os rituais inerentes da prática coral, como exercícios vocais e ensaio do repertório, são vistos como situações de ensino e aprendizagem que fundamentam a construção sonora e a compreensão musical. A afirmação de Assumpção Júnior (2010, p. 241), “nem todo professor de música, enquanto educador, precisa ser um regente de coros, mas todo regente de coros, precisa ser um educador” resume o sentido da prática coral no contexto pedagógico musical da contemporaneidade.

O regente Carlos Alberto Figueiredo ressalta que:

Cantar em coro deveria ser sempre uma experiência de desenvolvimento e crescimento, individual e coletivo: o desenvolvimento da musicalidade e da capacidade de se expressar através de sua voz; a possibilidade de vir a **executar obras** que tocam tanto no cognitivo quanto no coração, ensejando o crescimento intelectual e afetivo do cantor e de outros agentes envolvidos; o desenvolvimento da sociabilidade e da capacidade de exercer uma atividade em conjunto, onde existem os momentos certos para se projetar e se recolher, para dar e receber (FIGUEIREDO, 2006, p. 9 – grifos meus).

Por mais visível que seja a transformação na dinâmica da prática coral e sua democratização, ainda se mantém uma característica marcante: a execução musical. Modifica-se a dinâmica, populariza-se o acesso e emerge a concepção de que o canto coral se apresenta como espaço e situação de aprendizagem musical. Todavia, a execução mantém-se como experiência musical central. É nesse contexto que proponho uma reapropriação da prática coral. Os rituais inerentes a este contexto, que basicamente incluem ensaios, apresentações, exercícios vocais, corporais e aprendizagem de repertório, ampliam-se para um sentido colaborativo de estímulo à criatividade e, a partir da organização do tempo e do espaço, em direção a experiências de criação musical.

Psicologia da criatividade e educação musical

A reapropriação da prática coral, considerando a criatividade e a criação como aspectos a serem desenvolvidos, coloca-nos em diálogo com as perspectivas teórico-práticas da psicologia da criatividade. As pesquisas relacionadas a criatividade são relativamente recentes. De acordo

com Alencar (1986, p. 7), o interesse da psicologia no pensamento e no processo criativo surgiu a partir da segunda metade do século XX. Até esta época, as atenções do campo da psicologia voltavam-se para o conceito de inteligência, pois pensava-se que a “criatividade não apresentava nenhum problema especial, uma vez que o conceito de inteligência era tido como suficiente para explicar todos os aspectos do funcionamento mental” (ALENCAR, 1986, p. 7).

Simonton (2001, p. 3) explica que na Grécia antiga, por mais que as discussões abrangessem questões relacionadas ao corpo e a mente, ideias abstratas e a origem do conhecimento, a criatividade não era um tema a ser considerado. Nem Platão, Aristóteles ou qualquer outra pessoa dedicou-se a este fenômeno. “Esta negligência provavelmente reflete a forte associação da criatividade com a divindade³” (SIMONTON, 2001, p. 3 – tradução minha). No pensamento deste período, influenciado por ideias da mitologia grega, a criatividade era vista como um presente dos deuses ou espíritos e não como algo relacionado à habilidades desenvolvidas que exigiam esforço humano. Elliot (1989, p. 12 – tradução minha), afirma que o pensamento filosófico da época de Platão evidencia a ideia de que “artistas não produzem por meio de habilidades ou conhecimento, mas pelo poder divino⁴”.

No senso comum, tal pensamento ainda ecoa na atualidade. É comum ouvirmos, em situações diversas, as pessoas afirmarem que não possuem o dom ou o talento para criar algo e/ou propor ideias criativas. Essa ideia equivocada amplia-se para as diversas atividades humanas, trazendo à tona o pensamento de que determinadas habilidades, como o ato de criar, está além do alcance da maioria das pessoas por caracterizar-se como capacitação divina.

A partir da segunda metade do século XX, sobretudo após a II Guerra Mundial, as compreensões sobre a mente humana passaram a ser consideradas como legítimas. A psicologia, como área de conhecimento, expandiu-se, aumentando a quantidade de subáreas, sendo que muitas destas dedicaram-se ao estudo da criatividade. Os maiores movimentos voltados para a criatividade foram a Psicologia Humanista, a Ciência Cognitiva e a Psicologia Evolucionária. Na última década do século XX surgiu a abordagem criativa cognitiva que compreendia criatividade como “fenômeno mental que resulta de aplicações de processos cognitivos ordinários⁵”

³ This neglect probably reflects the strong association of creativity with divinity.

⁴ [...] artists do not produce by means of skill or knowledge, but “by power divine”.

⁵ [...] a mental phenomenon that results from the application of ordinary cognitive processes.

(SIMONTON, 2001, p. 19 – tradução minha). Todavia, foi no século XX que criatividade tornou-se o centro das investigações no campo da psicologia. Autores afirmam que o discurso⁶ do psicólogo norte americano Joy Paul Guilford (1897 – 1987), durante a Associação de Psicologia Americana em 1950, impulsionou os estudos sobre a criatividade (BEAUDOT, 1975; LUBART, 2007; ALENCAR, 1974, 1986).

Ao longo da história definições de criatividade foram sendo delineadas. Atualmente, compreende-se que “todo ser humano apresenta um certo grau de habilidades criativas que podem ser desenvolvidas e aprimoradas através da prática e do treino. Para tal seriam necessários tanto condições ambientais favoráveis como o domínio de técnicas adequadas” (ALENCAR, 1986, p. 8). Não há uma única definição para criatividade, entretanto, há o consenso de que “criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto na qual ela se manifesta. Essa produção pode ser, por exemplo, uma ideia, uma composição musical, uma história ou ainda uma mensagem publicitária” (LUBART, 2007, p. 16). Lubart (2007) também explica que a novidade pode caracterizar-se por diferentes graus ou associar-se a um objeto, pessoa, ideias já existentes e apresentar características de algo reelaborado, adaptado e rerepresentado à sociedade.

No campo da educação musical, criatividade e criação são aspectos que vêm sendo discutidos, efetivamente, a partir da virada do século XIX para o século XX. Este momento da história traz modificações significativas para a área. O modelo conservatorial e a ideia de transmissão de conhecimento passiva são confrontados por propostas que divergem do cenário educacional de então. Na primeira metade do século XX temos as pedagogias denominadas “ativas”, propostas por educadores musicais com ênfase na integração da mente e do corpo. A partir da segunda metade do século XX, a educação musical vem incorporar elementos da estética contemporânea. A ênfase na compreensão do som e suas características, os sons do mundo contemporâneo, o desenvolvimento da escuta ativa, o conhecimento de sonoridades atonais, não-métricas e o estímulo à criação musical emergem na prática e no discurso dos músicos e educadores John Paynter (Inglaterra), Murray Schafer (Canadá), Keith Swanwick (Inglaterra) e Hans-Joachim Koellreuter (Alemanha, naturalizado brasileiro).

⁶ No discurso, Guilford enfatizou o pequeno número de estudos, informando que de 121.000 artigos de psicologia publicados durante 23 anos, menos de 2000 abordavam a criatividade (BEAUDOT, 1975, p. 13).

As ideias pedagógico-musicais destes músicos e educadores podem reorientar a prática coral ao incluirmos a improvisação e a criação como experiências a serem propostas, além da releitura nos papéis do regente/professor e do coralista/aluno. Para Koellreutter (BRITO, 2001, p. 31), o professor deve “facilitar situações para uma aprendizagem autodirigida, com ênfase na criatividade, em lugar da padronização, da planificação e dos currículos rígidos presentes na educação tradicional”, e afirma que “o professor não ensina nada; ele sempre conscientiza” (BRITO, 2001, p. 47). Schafer também é incisivo ao afirmar “não há mais professores. Apenas uma comunidade de aprendizes” (SCHAFER, 2011, p. 266) e explica que assim como os alunos, o professor também precisa continuar a aprender e crescer. Schafer também ressalta que “o professor pode criar uma situação com uma pergunta ou colocar um problema; depois disso, seu papel de professor termina” (SCHAFER, 2011, p. 274), mas poderá participar, com os alunos, das descobertas e na busca por respostas. Em uma abordagem criativa-musical o papel do regente há de ser revisto, pois os coralistas são estimulados a participar ativamente do processo de construção sonora, como coautores de uma prática colaborativa.

Penna (1990) recomenda um redirecionamento no trabalho coral por meio de “propostas criativas - estruturas para improvisação coletiva, improvisações dirigidas sobre alguns elementos extraídos das próprias peças etc [...], podendo ser uma forma de recriar e dar sentido pessoal às obras que se cantam”. Para a autora,

A escolha do repertório deveria se basear os interesses do aluno, podendo até incluir peças que retomem a música de sua vivência. A presença de diversas linguagens musicais é importante, para que se evite o padrão exclusivo da música tonal. Estruturas de improvisação criadas pelos alunos, explorando novas possibilidades do aparelho vocal, poderiam também estar presentes (PENNA, 1990, p. 70).

É possível observar a prática deste discurso na proposta de re-arranjo, conhecida como “uma estratégia criativa planejada” (PENNA, 2012, p. 173). Concebida como uma proposta dirigida a contextos diversos de educação musical, a proposta do re-arranjo poderia ser desenvolvida também no âmbito da prática coral, pois seus objetivos abrangem “desenvolver a atividade criadora, ou seja, levar o aluno a expressar-se através de elementos sonoros” e “promover uma reapropriação ativa e significativa da vivência cultural” (PENNA, 2012, p. 174). Propostas como esta evidenciam a concepção de que o canto coral pode transcender a execução

e reprodução de procedimentos músico-pedagógicos, instigando o regente/professor a vislumbrar possibilidades de inserção mais ativa do aluno, do desenvolvimento de um “repertório aberto”, experimentações estruturais e conhecimentos musicais oriundos do contexto dos participantes.

Outras propostas criativas em educação musical sugerem a diversidade de recursos na experiência musical e os trabalhos de Beineke (2006), com copos, Marques (2013), com colheres, e Araldi e Fialho (2011), com balões de festa, oportunizam vivências de ritmos brasileiros, exploração sonora e elementos da cultura popular. A vivência desse material pode subsidiar práticas criativas em que os alunos, após executarem e explorarem sonoridades, utilizariam tais objetos na criação musical relacionada ao repertório coral. Todas estas ideias são adaptáveis, passíveis de serem incorporadas em propostas criativas em diferentes contextos de educação musical, inclusive no canto coral.

Um estudo em andamento

O desenvolvimento deste estudo tem proporcionado constantes reflexões sobre a dinâmica pedagógica no canto coral e a possibilidade de releitura de sua prática. O contato com a bibliografia da área de psicologia tem possibilitado a construção de uma base teórica que vem discutindo os conceitos de criatividade, criação e as maneiras de implementá-los em contextos educativos, enquanto que as pesquisas do campo da educação musical evidenciam as possibilidades e as lacunas acerca da criação em uma prática majoritariamente de execução musical. A implementação do ciclo reflexivo da pesquisa-ação (planejar, agir, observar e refletir), tem me desafiado à reconstruir um contexto músico-educativo que culturalmente foi concretizado ao longo da história.

No atual momento a pesquisa encontra-se na fase de intervenção, com poucos dados, ainda, para serem analisados considerando o “todo”. Todavia, é possível sinalizar que, assim como a execução, a criação constitui-se como um elemento passível de ser desenvolvido na prática coral. As primeiras experiências tem evidenciado um envolvimento motivado dos coralistas com a proposta criativa, situação em que estes podem expor suas ideias, pensar em possibilidades de exploração sonora e criar algo que expresse a identidade do grupo. Os resultados deste estudo, voltados para a compreensão da criação musical no contexto coral,

poderão contribuir para a releitura da prática coral, ampliando as possibilidades de vivência e experiência musical para todos os participantes.

Referências

- ALBINO, César; LIMA, Sonia Regina Albano de. A aplicabilidade da pesquisa-ação na educação musical. *Música Hodie*, v. 9, n. 2, p. 91-104, 2009. Disponível em: <http://www.musicahodie.mus.br/9_2/index.php>. Acesso em: 14 mai. 2016.
- ALENCAR, Eunice Soriano de. *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. *Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula*. 11ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. *Um estudo de criatividade*. Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada. Rio de Janeiro, abr.-jun. 1974, p. 59-68. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/viewFile/17077/15876>>. Acesso em: 02 mai. 2017.
- ANDRADE, Klesia Garcia. *Projeto “Um Canto em Cada Canto”*: o coro infantil, seus ensinamentos e suas aprendizagens. 2015. 256 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- ANDRADE, Mário de. Evolução social da música no Brasil. In: _____. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ed., 1939. Brasília: INL, 1975. p. 11-31.
- ARALDI, Juciane; FIALHO, Vania Malagutti. Sfuuuuu! Schiiii! Bum! Ploft! Balões na aula de música. *Música na Educação Básica*. Londrina, v.3, n.3, p. 42-55, 2011.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, José Teixeira d'. O regente de coro: educador e artista. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, I, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. p. 232-243. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-Jose-dAssumpcao.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2016.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BEAUDOT, Alain. *A criatividade na escola*. Tradução de Mariana Sampaio Gutierrez e Bernadete Hadjionnou. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.
- BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio Paulo Ribeiro de. *Lenga la lenga: jogos de mãos e copos*. 1 ed. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, 2006.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2003 (Coleção Ciências da Educação).
- BONA, Melita. Carl Orff – Um compositor em cena. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011, cap. 4, p. 125-156.

BRASIL. Poder Executivo. Decreto n. 1.331 A, de 17 de fevereiro de 1854. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario no Municipio da Côrte. *Collecção das Leis do Imperio do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo 17, parte 2ª, seção 12ª, 17 fev. 1854.

Disponível em:

<<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer fontes/acer histedu/decreto%20n.%201331.pdf>>.

Acesso em: 18 fev. 2016.

BRESLER, Liora. *Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades*. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 16, p. 07-16, 2007. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/revista16/revista16_artigo1.pdf>. Acesso

em: 2 fev. 2015.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

BURNARD, Pamela. *Musical creativities in practice*. Oxford: Orford University Press, 2012.

ELLIOT, David J. *The conception of creativity: implications for music education*.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/234651274_The_Concept_of_Creativity_Implications_for_Music_Education>. Acesso em: 02 mai. 2017.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem? *Opus*. *Revista eletrônica da ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, v. 1, p. 72-78, dez., 1989. Disponível em:

<<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/9>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: FIGUEIREDO, Carlos Alberto... [et al]; LAKSCHEVITZ, Eduardo (org.). *Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*. Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8526>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

FUKS, Rosa. *O discurso do silêncio*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991 (Série Música e cultura; 1).

KEMMIS, Stephen; WILKINSON, Mervyn. A pesquisa-ação participativa e o estudo da prática. In: DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio (Org). *A pesquisa na formação e no trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 43-66.

LUBART, Todd. *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARQUES, Estêvão. *Colherim: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

NOVAES, Maria Helena. *Psicologia da criatividade*. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

PENNA, Maura. Revendo Orff: por uma reapropriação de suas contribuições. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (Coord.). *Som, gesto, forma e cor: dimensões da arte e seu ensino*. 4ª ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2003. P. 80-110.

PENNA, Maura. Música na escola: analisando a proposta dos PCN para o ensino fundamental. In: PENNA, Maura (coord.) *É este o ensino de arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. cap. 6, p. 113-134. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/pesquisarte/Masters/e_este_o_ensino.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2016.

PENNA, Maura. Ressignificando e recriando músicas: a proposta do re-arranjo. In: *Música(s) e seu ensino*. 2.ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2012c. cap. 9, p.173-207.

PENNA, Maura. O papel do canto orfeônico na construção do nacional na Era Vargas: algumas reflexões. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 23., 2013, Natal. *Anais*. Natal: ANPPOM, 2013. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/23anppom/Natal2013/paper/view/2075>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Loyola, 1990.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Música na escola: aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da Lei 11.769/2008. *Revista da ABEM*. Londrina, v. 20, n. 29, p. 23-38, jul.dez.2012. Disponível em: <<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/viewFile/88/73>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

SANTOS, Regina Antunes dos. A perspectiva da criatividade nos modelos de conhecimento musical. In: *Mentes em música*. ILARI, Beatriz Senoi; ARAÚJO, Rosane Cardoso (Org.). Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 91-110.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SILVA, Luceni Caetano da. *Gazzi de Sá e o prelúdio da educação musical na Paraíba (1930-1950)*. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

SIMONTON, Dean Keith. *The psychology of creativity: a historical perspective*.

Disponível em: <http://simonton.faculty.ucdavis.edu/wp-content/uploads/sites/243/2015/08/HistoryCreativity.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2017.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set.dez. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/qZ3Qrz>>. Acesso em: 14 mai. 2016.